
ENTREVISTA
JEAN SZPIRKO

*MANOEL GOMES DE ANDRADE LIMA
DANIELA GUSMÃO DE ANDRADE LIMA*

1. *Após sua visita a Recife no ano passado, o Sr. está de volta. Pode-se falar de trocas entre psicanalistas franceses e brasileiros?*

As trocas entre analistas são uma necessidade para manter vivas suas práticas. Várias trocas existem entre a França e o Brasil. Certas ocasiões são privilegiadas para isto, em particular a Reunião Lacano-americana quando analistas sul-americanos se encontram com analistas de continentes, de países diferentes, canadenses, espanhóis, franceses ...

A última Reunião ocorreu em Porto Alegre e foi nesta ocasião que tive o prazer de dar um pulo até o norte do Brasil; a Recife. Encontrei então gente, analistas de Traço Freudiano, Veredas Lacanianas e do Centro de Estudos Freudianos do Recife, com os quais os debates foram, para mim, extremamente proveitosos. Trata-se de uma experiência pessoal, intelectual e afetiva que deixou marcas em minhas lembranças.

2. *Na Aliança Francesa, nas noites de 23, 24 e 25 de maio, o Sr. falará, conforme programação prevista por Traço Freudiano, Veredas Lacanianas sobre os seguintes temas: Transferência, Estruturas, Supervisão. Poderia nos antecipar algo a respeito?*

A **transferência** é uma descoberta de Freud: é o que funda a pertinência da psicanálise e que orienta sua prática. A transferência é "a colocação em ato do inconsciente". É pela transferência que o passado emerge e se reconstrói no presente.

A **estrutura** é um estilo. O estilo é um modo de agenciamento do discurso: um modo de testemunhar, de interpelar, de se fazer reconhecer ... É de algum modo uma carteira de identidade. Existem somente estilos singulares que podem entretanto ser reagrupados a partir de traços mais gerais; isto constitui estruturas (neurose, psicose, perversão).

A **supervisão** é uma prática que permite a um analista pedir a um outro para ouvi-lo a partir de uma questão ou uma dificuldade enfrentada na direção de um tratamento. A supervisão pode constituir um momento no percurso subjetivo de um jovem analista sem por isso demiti-lo de sua responsabilidade. Com efeito, o modo da prática da supervisão condiciona freqüentemente a possibilidade de situar, para um analista, efeitos de sua prática até questionar sua própria análise.

Entre o amor e a transferência, a psicanálise oferece algumas miragens que, às vezes, uma supervisão permite revelar.

3. *Embora as neuroses não sejam privilégio dos ricos, por que o tra-*

tamento psicanalítico é reservado à elite?

O tratamento analítico é possível somente quando há demanda. Se é mais fácil para um rico do que para um pobre consultar um psicanalista, isto não torna o tratamento mais fácil. Cada um se defende com os meios de que dispõe: os ricos com os meios de ricos, os pobres com sua falta de meios.

A dificuldade provém da possibilidade da dialética da transferência que é ao mesmo tempo a condição e o impedimento do tratamento. Neste processo, o desejo do analista é implicado assim como sua relação com o dinheiro. Um pagamento é necessário e uma soma mínima para certos pacientes pode ser exorbitante para outros.

Cabe ao analista ver se ele pode assumir um pagamento quase simbólico de alguns pacientes.

4. *Será que na França os pobres têm a possibilidade de pagar um tratamento dirigido por bons analistas? Que oportunidade oferecem os serviços públicos?*

O INSS francês pode reembolsar as sessões de alguns analistas que as declaram como atos médicos assinados como folhas ditas de doença. Não sem colocar problemas. Certos analistas são familiares desta prática.

A respeito da instituição se encarregando do pagamento, estamos aí próximos de uma encenação de bons sentimentos: forma leiga de caridade cristã. Devemos estar reservados sobre isto, pois a história nos ensina: é sempre em nome do bem que se comete o pior.

O psicanalista não procura o bem. O menos pior lhe basta.

5. *A imprensa fala de uma certa substituição da psicanálise por outras terapias. Qual sua opinião?*

Antes da invenção da psicanálise, existiam "outras terapias". Existiam antes mesmo que a medicina aspirasse a se tornar uma ciência e não é porque a medicina progrediu nesta orientação que as "outras terapias" cessaram de existir.

A psicanálise não é uma disciplina médica: é aliás, paradoxalmente, o que incomoda os médicos que, em um mesmo movimento, a rejeitam querendo apropriar-se dela. Era o caso na época de Freud.

Certas "outras terapias" tomaram em conta a evolução do contexto social e cultural e tomaram emprestado o vocabulário da medicina ou da psicanálise sem por isso aparentar-se nem a uma nem a outra.

Para formular um julgamento preciso, precisaria definir, caso por caso, o que se encontra reunido pela fórmula "outras terapias", pois o próprio termo "terapia" é questionável.

6. *Pesquisas recentes no campo da neuro-biologia (neurologia, psiquiatria, neurofisiologia) pretendem determinar as causas das neuroses e das psicoses e anunciar sua cura. Existe também um remédio milagroso chamado "Prozac". O que o Sr. espera deste lado?*

Esta questão é importante. É uma questão epistemológica e merece uma pequena introdução.

Cada disciplina define uma maneira de explorar um certo real a partir de conceitos específicos. Isto constitui

um campo. Os conceitos não têm sempre a mesma definição de uma disciplina para outra. Por exemplo, a noção de realidade objetiva no campo da biologia ou no campo da física, não encobre a mesma significação.

A neurobiologia é uma disciplina em pleno desenvolvimento e o campo do saber que ela explora cruza às vezes alguns termos usados em psicanálise. Isto não significa que estes dois campos se recobrem.

Não se deve confundir uma orientação de pesquisa com um resultado. Querer encontrar Deus ou a chave do mundo é, afinal, uma intenção freqüente, mesmo para os pesquisadores. Para Newton, isto nos deu a lei de atração dos corpos; para Einstein, os princípios da relatividade.

Para abordar seriamente a questão da "cura" a respeito da "psicose" ou da "neurose", precisaria saber a quais definições destes termos nos referimos. Somente o pensamento mágico procede da evidência indefinida: seria o cúmulo praticar isto em nome da ciência.

Quanto ao "remédio milagroso" chamado "Prozac", será ali que se encontra o ponto de convergência entre o milagre e a ciência? Este produto na França faz o objeto de numerosas prescrições. Os médicos acreditam nele ainda, e espero sinceramente que os pacientes que dele dispõem ali encontrem benefícios.

Para vossos leitores que são afetados de sofrimentos "ordinários" ou "extraordinários", a questão se coloca na relação entre eles e seus sofrimentos, pois não há nenhuma pesquisa, nenhuma criação, sem um certo sofrimento. Será que um brasileiro renunciaria facilmente à "saúde"? A vida conforme "**O melhor dos mundos**"

de Huxley constituiria um ideal de civilização?"

7. *No decurso dos últimos anos, teria a psicanálise perdido a credibilidade?*

Efetivamente, a psicanálise perde algo de sua credibilidade, não somente no grande público, mas sobretudo no mundo dos psiquiatras em formação. O ponto importante nesta questão é aquele da "credibilidade". Com efeito, a questão se coloca de saber o que ela recobria anteriormente e o que ela recobre sempre.

Minha resposta necessita um desvio a fim de distinguir a "psicanálise" de "sua credibilidade". Eu vos proponho uma comparação entre "o amor" e "a crença no amor".

Como sabem, é muitas vezes difícil, até impossível, distinguir se se ama alguém ou se se ama o amor em relação a ele. Com efeito, o que os homens (e as mulheres) amam sobretudo é acreditar, e acreditar é inseparável do amor: ambos constituem um mesmo apelo.

Em um tempo em que numerosos valores, critérios subjetivos, crenças políticas se esfacelam e desabam, faz-se apelo a outras crenças de substituição. A psicanálise (não seu ato, mas sua imagem) foi muitas vezes uma resposta ao mesmo título que uma religião provisória. É talvez ali, paradoxalmente, uma nova chance para a psicanálise, se os próprios psicanalistas não a renegam retomando o lado religioso, pois a psicanálise — justamente — pode esclarecer sobre o que é acreditar.

8. *O Sr. poderia nos descrever um pouco a situação atual da psicanálise na França, particularmente em*

Paris? Como vai o movimento lacaniano?

A psicanálise na França é sustentada em ato por numerosos psicanalistas inscritos ou não em diversas associações. O que temos aprendido, após a dissolução da Escola Freudiana de Paris, é trabalhar a partir de diferentes orientações sobre referências comuns que privilegiam Freud e Lacan.

Diferentes movimentos favoreceram trocas entre analistas de diferentes associações que não se falavam mais. Estas trocas se revelaram muito ricas em Paris e na França.

Um dos efeitos destas trocas foi a criação do Inter-associativo que reagrupava em um primeiro momento uma dezena de associações francesas. Trocas com a Europa se concretizaram pela criação de um Inter-associativo que hoje reúne 20 associações européias. Posso apresentar a lista se interessar publicá-la. Um colóquio Inter-associativo se realizará em Paris nos dias 30 de outubro, 1 e 3 de novembro de 1994.

Certas associações não fazem parte do Inter-associativo por razões diversas. Elas realizam, entretanto, um trabalho notável que mantém viva a questão freudiana tal como Lacan tentou relê-la para dela fazer um ensino.

9. O Sr. é professor da Universidade de Paris. O Sr. tem a impressão de um aumento do número de jovens para a formação analítica?

Intervenho em mestrado de psicologia numa faculdade de medicina parisiense (Créteil). Meu projeto pedagógico é tentar fazer os estudantes refletirem mais do que doutriná-los, sublinhando dificuldades nos textos de Freud,

dificuldades muitas vezes resolvidas às pressas. Trata-se de uma sensibilização a uma leitura: não acredito que se trate de uma formação analítica. Não acredito na formação analítica na universidade, embora ali se ensine a psicanálise. Esta questão mereceria um longo debate.

10. O Sr. é psicanalista lacaniano?

Há práticas que se referem a Freud e que não acho freudianas, assim como práticas que se justificam de Lacan e frente às quais tenho minhas reservas. Considero-me efetivamente tocado pelo ensino de Lacan. Será isso que designa como "psicanalista lacaniano?"

11. Uma revista feminina francesa, em número recente, traz uma reportagem extensa sobre "as neuroses da família Freud". Freud era um neurótico?

Se se deve afetar cada um de nós de uma estrutura (ver a questão nº 2): Freud é um neurótico. Observa-se que esta resposta abre para outras questões.

12. Qual é a sua opinião sobre a Reunião Lacano-americana de Psicanálise?

Tenho uma dívida em relação ao Lacano-americano.

Creio que é um dispositivo extraordinário para entender como outros trabalham, evoluem, como eles se questionam, em sua singularidade com referências comuns sem as quais não há troca possível. Penso mesmo que o Lacano-americano tem contribuído indiretamente para a elaboração do Inter-associativo, embora não tenhamos

guardado vários aspectos do dispositivo, pois a Europa constitui um contexto diferente. Muito pessoalmente, devo igualmente ao Lacano-americano ter-me colocado em contato com psicanalistas brasileiros e argentinos com os quais tenho não somente relações de trabalho, mas também de amizade.

13. *Que tipo de trocas o Sr. julga possível entre psicanalistas europeus, sobretudo franceses e latino-americanos, sobretudo brasileiros? A marca freqüentemente colonialista dos europeus poderia sofrer alguma modificação? A Reunião Lacano-americana permitiria alguma mudança neste nível?*

As trocas entre psicanalistas de um mesmo país são difíceis, pois o que é sempre colocado em questão entre eles não diz exclusivamente respeito ao manejo do saber, como em outras disciplinas, mas à **relação ao saber** que cada um avalia em seu colega: será que esta relação ao saber testemunha de uma posição psicanalítica?

Esta questão se encontra entre psicanalistas de vários países.

Os psicanalistas do Lacano-americano têm referências extremamente próximas daquelas dos franceses sobre a maneira de ler e de comentar os textos fundamentais de Freud e de Lacan. Não tenho, até hoje, podido observar algo especificamente brasileiro na psicanálise em relação aos franceses ou argentinos, por exemplo.

A colonização europeia se faz sentir em toda a América: do Norte ao Sul. Será que se pode assimilar a influência do pensamento de Freud ou de Lacan a uma colonização? A relação à psi-

canálise não depende de uma nacionalidade, mas fica estritamente um assunto do sujeito. Creio ter afirmado isto há pouco, as reuniões do Lacano-americano constituem um lugar privilegiado de trocas, mas não há nenhum meio de impedir as veleidades colonialistas de qualquer que seja e em qualquer lugar. Importa permanecer vigilante e não confundir uma atitude singular com aquela de um país: certos brasileiros não representam todos os brasileiros, certos argentinos, todos os argentinos e certos franceses, todos os franceses.

14. *O Sr. vem trabalhar em Recife para um grupo de interessados da psicanálise em um evento promovido por Traço Freudiano, Veredas Lacanianas. Mas o Sr. vem também participar de um simpósio para grande público, o Primeiro Psi Nordeste. O que o Sr. espera destes dois tipos de eventos?*

Espero essencialmente descobrir gente, colegas, falar com eles, confrontar posições e me permitir me deixar ensinar por seus comentários e experiências. O primeiro colóquio Psi constitui um evento: tenho muito que aprender.

